

—Fazíamos via-sacra até á Apulia, com o maior reconhecimento nos sagrados passos de Fão—onde comungávamos com os pasteis da Clarinha; a seguir contritos, á rua Direita a oscular como penitencia, um vinhoto branco, daquele com que o Eça de Queiroz sacrificava: «fresquinho, leve, aromático, alegrador, todo alma».

E daqui ao Calvário, como a areia era de queimar as plantas das sandálias de caminheiro, ao chegar ás dunas aurifulgentes da praia bucólica, apesar do chamado carinhoso das vélas dos moinhos ao rez das ondas malvas, nós seguíamos com a máxima contrição, a fé ardente nos olhos e no expandir da alma ajoelhar ante as áras do Deus Pinga, esquecidas pelos Kiritas ao inorrer o seu império universal. E de cima delas, papavamos as iscas de bacalhau, mesmo sem demolhar, a brôa e o queijo com molete, santos ex-votos trazidos com acatamento pelas derradeiras Vestaes, de pé no chão e seios uberrimos, criadôres.

E essas belas môças nos despertavam o verificar se eram mesmo Vestaes ou aquelas Lôbas romanas—já pela beijóca chupadinha nas faces morenas; ou pelo apalpão incendiário; o atração portuguesissimo e o belis-

cas, se resentia com a trega fama da apostólica tasca; e era de vêr, então, a descida de alguns no môro antigo tarol dos romanos idos, em réta desabrida, rasgando os fundilhos, pondo a fogo e sangue as ilhas adjacentes e os paizes baixos.

—Trepando a S. Lourenço, tínhamos compásso de espera na casa do Miguelzinho, aguardando a feitura duns tres-respostas, de cheia cabeçorra e metálico canudo. E empoleirados depois no telhado da capéla desse milagroso santo, após escorvados com cuidado, o charuto em murraca, fazíamos os foguetes subir num rásto de branco fumo e; e estoirando em canhonei-o bruto,

so, a quinta da minha avô, escoltando o Manoel Gaita, cosinheiro amador a bordo dos navios, onde embarcava como mestre e perito num arroz de frango, para o qual as vitimas eram imoladas á palada, em longas correrias, ou a tiro por atiradores bizonhos e civis, e militares com licença por *esquecimento* das chaves das torneiras, as pipas atestadas da adégo, pinponando com as datas da antiga vendima no seu bôjo, eram espicaçadas com verrumas ferinas e flageladas com corôas de espinhos feitas de incontestaveis espinhos... Aos guarda-louças trancados, quebravam-se os vidros, para espiolar docerias a-

te, desenterrado do chão daquela adéga, com todo o culto e maximos cuidados, naquele momento soléne.

—De volta, se em tempo das cerejas, alçavamos grandes ramos onde, em brincos, se balançavam os rubidos frutos. Se em épocas outras, em braço-armas erguíamos canas da India, folhudas e de aloirados penachos; grinaldas de viridentes pampanos, á volta dos chapéus; vasoiras de manjarico, nas lapélas; e numa côral altissima—afugentávamos os gaios, fazendo-os riscar nos ceus gargalhadas atrevidas e os melros assobios insolentes. Caiam as rãs nos lameiros, em coaxos assustadiços; e os cachorros cainçando, medricas, furavam muros, raspavam verédas, o rabo de todo retêzo entre os quartos trazeiros encolhidos. Tal gritaria tinha por musica vulgar canção; e os seus versos fâlicos, devido a ouvidos púdicos, se transmutavam algo desengonçados nestas rimas:

O Barbalho fui á guerra,  
Fardado de capitão,  
Veio uma baía perdida,  
Atirou com o Barbalho ao chão.

—Na encruzilhada, entrávamos de roldão na taberna do Cucco. Tomávamos de assalto o compartimento dos fundos, serventia da sala de jantar, cosinha e conquitantes. Ahi caímos, co-



TRAJOS REGIONAIS

mos, como Santiago nos mouros, no caldo que a boa dona da casa ritualmente preparava para a ceia frugal dos seus.

Oh caldo divino! oh caldinho das minhas mais fundas saudades!...

Preparado á lareira, sobre a trenpe negra onde, de quando em vez, corre um formigueiro de fatilhas, ao lambar das labaredas zumbidoras, saídas das pinhas rezinósas. Ao alto do pucaro, primogénito com o

—pucarinho de barro,  
o pucarinho,  
Tem bocheças encarnadas  
Tem as faces afogueadas».

(At. Lopes Vieira) o têsto cantando a bailar, no fervêr da agua imaculada, vinda ali da mina, donde escorre a iris pela rocha viva revestida de musgos e miozotis.

O naco de tóucinho da ultima matança do bôcoro anafado, criado a pão de ló no chiqueiro de encôsto á casa, sob a nogueira centenária e carregadilha de folhas. As rodélas de salpicão vermelhaço, bem curado á fumaceira das ramadas viridentes, subida em holocausto do lar á chaminé tenebrosa. Todos os tempêros bem catados; olha os tomates bojudos! prenhes de sumo e no vermelho da tunica ainda o raio de sol brincalhão, que jogava escondidas nos talhões da horta, roubando beijos ás rozas de tocar e á suave alfabaca, beliscões ao mangerico; e donde veio a cebôla aluarada, o verdengo cebolinho, resumbrando o humus da terra maternal. E salsa de safira recortadinha, nascida ao abrigo dos beirões do sangrento telhado; e olha o alho severo, nas suas barbicas queimadas! e as vagens côr de malva, tão ternas e sem os fiâpos degradantes. O feijão branquinho, veludineo vivendo em abraços com o milheiral enbandeirado, onde ha pipilos de codornizes e brejeirices sem conta dos pardaes... O sal grosso do nosso mar; e bem esfarelado, em migas, o pão de milho alvo, cortado ás fatias dentro do forno ainda mórno da derradeira fornada, a còdea loirinha, nuns longes de salgadito.

Confortadôr caldinho, já no teu raleiro, sugado com sofrêguidão da malga toda em ramagens inverozimeis, é que entrava o João Cuco, nos seus pópós luzidios, no sexta-e-sabado da sua perna manca, carregando as canécas e a infusa do bô, do que pula na malguinha. E depois, mesureiro, inquiria se sua «eminiencias» não mandavam mais nada.

—Sim, João amigo e propiciatório; a tigéla bem cogulada

das azeitoninhas puxativas. E outra rodada do sanguinho de Cristo...

E lá de fóra chegava-nos o som mercedório do côrô rural das ceifeiras, a recolherem dos campos adormecidos; e no arrastar do descante, a voz da moça aldeã parecia desafiar rosários de almas saudades, ao sol que morria numa hemóptyse de chamas; enquanto, ao longe, expirava o ultimo éco da derradeira badalada das Ave-Marias.

Oh vós a quem entregamos o ramo da céga-rega da mocidade, o foguete policrômico da adolescencia, não escondeas sob o travesseiro o romance vermelho da voluptuosidade, nem a fotografia obscêna; e lembrae-vos de Platão já haver escrito: —«Os Egypcios consideravam mais conveniente que a juventude só aprendesse a conhecer figuras e canções belas; e para isso determinava:n a maneira de a fazer em seu livros sagrados.

Pedi, em altas vozes, aos mandantes da Nação—a obrigatoriedade da ficha sanitária, física e mental, para não temerdes que o beijo santo da Mãe, o osculo de despedida das pessoas caras, o alvoraçado da namorada, o demorado e quente da amante, não sejam beijos traidôres de Judas, inoculando micróbios, deixando-nos com o mel da carícia o travo de letal venêno.

Já é a hora de se acabar com a irreverente chalaça do nosso povo:

—Deus te dê um filho macho, com cara de tacho...

LUÍS VIANA

## A Pastora de Domrémy

(Continuação do n.º 1.574)

O Rei não empregou o menor esforço para libertar a salvadora da França das garras do inimigo. Oh! injustiça das injustiças!

Por ventura já em França não há gratidão? E' esta a paga que Carlos VII dá a quem o sentara no trono? E' sim, porque não conhece a gratidão, que deve á donzela.

Os vencedores de Ozincourt, êstes alegraram-se de ter em suas mãos a feiticeira de Domrémy como lhe chamavam. Os ingleses fascinados pela cobardia jurar destazer da jovem tirando-lhe a vida. Pensavam êles, mas errôneamente, que a sorte das armas ser-lhes-ia favoravel, depois de sepultada a feiticeira. Grande ilusão! Joana d'Arc não era uma feiticeira, como êles diziam, mas sim uma heroína e

uma santa, que são a honra da História.

A vida da pobre pastora de Domaémy foi confiada a um tribunal iniquo, que só procurou condená-la ás chamas, como feiticeira. Coisa que Joana d'Arc não era! Mas êsse tribunal iniquo; cego por uma nuvem de inveja, julgou-a como tal.

A menina, como não tinha quem a defendesse, foi obrigada a cumprir as decisões injustas daqueles juizes, que o ouro comprara.

Quando a donzela soube que ia ser consumida por violentas chamas foi invadida pelo desespero, que algum tempo depois passou, retomando a donzela o seu habitual sangue frio. Preparou-se bem para a jornada que dentro em breve ia encetar. Contava então os seus 19 anos.

O dia indigitado para o holocausto da inocente vitima foi o dia 30 de Maio de 1431. O alvorecer foi tristonho; o sol deslisou pelo horisonte, mas com um certo receio, por causa do crime que se ia realizar.

A infeliz donzela, ao romper da aurora, foi conduzida entre mil soldados, que formaram alas á sua volta, á praça de Ruão, para ser imolada como feiticeira e herege. Chegada ao lugar do suplicio saltou para cima da lenha ali acastelada e enquanto que as 9 horas não soaram dirigiu algumas palavras de ingleses apinhados a volta do montão de lenha. Proclamou-lhes com voz firme que as vizões que tivera e as vozes que ouvira eram de Deus e não de Satanás, como êles diziam. Palavras inúteis! Os satânicos ingleses nem assim se compadeceram!

Os relogios descarregaram nove fortes pancadas. Eram nove horas da manhã. O fogo foi ateado ao montão de lenha, que servia de peanha; começou o holocausto da inocente vitima. A heroína francesa, antes de ser sufocada pelas chamas, que a começavam a lambar, invocou S. Miguel e as suas queridas santas. A ultima palavra, que os seus lábios balbuçaram, foi Jesus.

E assim morrem os santos! A nossa santa não fêz excepção a essa regra traçada. Os bem-aventurados morrem articulando as palavras mais dôces, que no léxico existem —Jesus e Deus.

As cinzas desta inocente vitima, destruidas pelo fogo do grande livro da existência, bramdaram terrivel vingança a Céu, do mesmo modo que as do inocente Abel. Os ingleses sentiram bem essa vingança. As derrotas rapidas depois da morte da Pastora de Domrémy foram muitas,

porque Joana d'Arc não cessava lá de cima de borrfifar o solo francês com graças celestiais. A Inglaterra perdeu tôdas as possessões francesas á excepção de Calais, um dos melhores portos franceses.

Os ingleses ficaram logrados nos planos, porque Deus não ajuda os invejosos, e êles assassinarão Joana d'Arc, única e simplesmente, por ódio e orgulho. Foram estas duas setas, as que mataram a pobre pastora de Domrémy.

(Continúa)

M. M. Lima

## Eng. Manuel de Barros Lima

No palacete de sua Ex.ma Sogra e confortado com todos os Sacramentos da Igreja, faleceu segunda-feira, nesta vila, após uma demorada e grave doença que há muito o retinha no leito, o snr. Engenheiro Manuel de Barros Lima, bemquisto e estimado espozendense.



O extinto, era casado com a ex.ma senhora D. Maria Amélia Ribeiro da Fonseca Barros Lima, havia-se formado na Universidade Liège, e tomou parte na campanha de Africa quando na Grande Guerra.

Era irmão dos nossos bons amigos senhores Dr. Artur de Barros Lima, ex-governador civil de Viana do Castelo e, actualmente, presidente da Camara da Beira-Moçambique. Dr. Ramiro de Barros Lima, dignissimo médico da Companhia de Moçambique e Capitão Lauro de Barros Lima e cunhado dos também nossos amigos senhores, Dr. João de Barros, ilustre presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, Tenente-coronel Augusto de Barros, Major Carlos Barros e Valentim Ribeiro da Fonseca, provedor do nosso Hospital.

O funeral do saudoso extinto resultou numa grande manifestação de sentimento, por parte de numerosos amigos seus, e das familias enlutadas e, exprimido e comprovado em muitas

centenas de pessoas de todas as classes sociais que, comovid e silenciosamente, lhe prestaram a derradeira homenagem, acompanhando o seu cadaver ao cemiterio municipal.

Raras vezes temos assistido a tamanha demonstração de saudade!

O comércio encerrou as suas portas em sinal de luto.

A's illustres familias Barros Lima, Barros e Ribeiro da Fonseca, exprime «O ESPOZENDENSE» as suas mais sinceras condolências.

«O ESPOZENDENSE» E A IMPRENSA

## 51.º ano de publicação do O ESPOZENDENSE

«O Espozendense» completou 50 anos. E' uma existencia já longa, e quem a venceu sem mácula tem direito à nossa consideração. Está neste caso **O Espozendense** e o seu director, nosso velho amigo snr. José da Silva Vieira, que, apesar-de septuagenário, ainda é quem tudo movimenta na sua redacção.

As nossas felicitações, com os votos por muitos e prósperos anos. *Lucio.*

[Do n.º 92, da «Anrota do Lima», de 18 de Novembro de 1938), «Notas-á-toa».

### «O Espozendense»

Completou 50 anos de existencia — bem bonito rol, como dizia Junqueiro—o nosso estimado colega «O Espozendense». Por êsse motivo lhe enviamos, com os melhores cumprimentos a tóda a redacção, sinceros desejos de longa vida e prosperidades.

[Do n.º 252 de «A Verdade», de Lisboa, de 29 de Outubro, ano V.

### «O Espozendense»

Este nosso presado e velho confrade, completou 50 anos de existencia, motivo porque felicitamos o seu illustre Director e nosso amigo sr. José da Silva Vieira, venerando e considerado jornalista.

[Do «Barcelense», de 12 Novembro de 1938, de Barcelos).

### «O Espozendense»

Do «Sindicato Nacional dos Operarios Pedreiros» do distrito do Porto, travessa das Almas, 36, 1.º, recebemos o seguinte officio com n.º 134:

... Snr. José da Silva Viei-

ra, Digno Director do «O Espozendense»—Espozende.

... Snr.:

Cumpre-me levar ao conhecimento de V. ... que a Direcção do «Sindicato Nacional dos Operarios Pedreiros do Distrito do Porto», em sessão realizada em 8 do corrente deliberou entre diversos assuntos, saudar o seu conceituado jornal **O Espozendense** pelo seu 50.º aniversário e simultaneamente fazendo vótos pela sua prosperidade em defeza dos humildes e dos melhoramentos de que carece essa linda terra do Minho.

Porto e Secretaria do Sindicato Nacional dos Operarios Pedreiros do Distrito do Porto, 11 de Novembro de 1938.

*Arnaldo de Sousa Bento*

Secretario Geral

### Forjães, 22 de nov.

Na noite do ultimo sabado uma patrulha da Guarda Republicana juntamente com um funcionario da Secção Administrativa fizeram uma rusga nesta freguesia aos estabelecimentos comerciais onde é costume, rêlho e vêlho, jogar-se até altas horas.

Dizem-nos que foram apreendidos revolveres e diversas navalhas, sendo autoados dois comerciantes.

Esta medida tomada pelo Ex.mo Snr. Dr. Arantes Rodrigues, ilustrado e bemquisto Administrador de Espósende, foi bem recebida pelos habitantes ordeiros e pacificos desta laboriosa freguesia.

Bem sabemos que não pôde agradar a todos, mas acima dos interesses particulares está o bem colectivo, que neste caso é o bom nome do nosso povo de Forjães, a sua tranquillidade e o respeito pelas leis e autoridades do Estado Novo.

—Sómos informados de que se pensa em levar a efeito, no proximo Janeiro, a representação da peça de grande aparato—«O Heródes e os Tres Reis».—

Aguardamos com interêsse o referido espectáculo, que costuma chamar aqui muitos apaixonados desta exhibição biblica ao ar livre. *A.*

### Automovel de aluguer

Quer passear comodamente num esplendido CITROEN de 5 lugares a \$80 centavos o quilómetro?

Chame a qualquer hora Alberto Torres--Espozende

### PARA A HISTORIA

#### Encanamento do Rio Cavado

«O encanamento deste rio foi mandado fazer por alvará da Rainha Senhora D. Maria Primeira, de 1700 e tantos, pelo systema de eclusas, ficando as azenhas aos lados, desde a barra de Espozende ou Fão, até o Vau do Bicco, cousa de meia legua acima de Prado. Deu-se-lhe principio e se trabalhou nelle até 1808.

Dizem que defronte de Fão, no mar, onde estão os penedos chamados—Cavalos de Fão—, ha uma bahia ou dôca, em que se podem abrigar navios, de grande lote, das tempestades; e que abrindo se ali a barra, fica sendo um dos melhores portos da Costa de Portugal, o que será muito vantajoso para o nosso commercio com a Inglaterra, França, Brazil, e mais nações.

Hoje vão laranjas maduras e hortaliças, na Primavera e Estio, do Porto ou de mais portos de Portugal para a Inglaterra, e talvez para a França.

O encanamento do Rio Cavado, ha de servir para exportar muitas laranjas de Amares, do Salgueiral, e mais productos agricolas das mesmas terras, e da ribeira d'Homem, e de outras terras do Minho.

Dadas as ditas condições da barra de Fão, e Espozende, podem, por ali, fornecer-se melhor as cidades de Viana, e do Porto, principalmente a do Porto, pela razão da sua barra ser muito inferior, e nunca se poder fazer boa.

Deste encanamento do rio tambem se pôde seguir o augmento de Espozende, Fão, Apulia, Barcelos, e beneficios às mais povoações até Prado, Braga, e d'ahi para cima».

(Do «Ecco de Barcelos», de 6 de Julho de 1861, n.º 74, de Barcelos.

#### Deu à costa um tubarão

Povoa de Varzim, 23—Na praia do pescador, junto ao molhe de construção, o mar arrojou um enorme tubarão com doze metros de comprimento. O caso atraiu ao local centenas de curiosos, que comentavam das maneiras mais desencontradas o aparecimento do monstro marinho.

O tubarão que está muito esfacelado, é guardado por praças da Guarda Fiscal.

### Aumento de população

No ano passado nasceram em Portugal 198.127 crianças, e morreram 117.291 pessoas, havendo assim um excesso de 80.836 nascimentos sobre os óbitos. Este acrescimo corresponde a um aumento de um milhão e duzentas mil pessoas, em 15 anos.

### A' imprensa

#### Campanha de utilidade publica

PAIS!

Velai por vossos filhos. Recomendai-lhes que não joguem a bola nas ruas ou estradas nem atravessem estas sem olhar primeiro se vem algum veiculo.

PROFESSORES!

Antes de encerrar as aulas, adverti vossos alunos dos perigos do trânsito!

Fazei-lhes compreender que, na inconsciencia do perigo que correm, jogam com a bola tambem a sua vida enviando ainda um inocente—o motorista á cadeia!

CRIANÇAS!

Escutai vossos pais e professores: Não tendes visto meninos estropiados, sem braços ou sem pernas?

Eles são suas próprias vítimas, pois escolhem as ruas para campos de futebol e outras brincadeiras.

Nunca atravesseis, correndo, uma rua sem primeiro olhar se vem algum automovel ou camião. Nunca pásseis atrás de um carro ao atravessar uma rua, pois pode surgir répentinamente um outro e apanhar-vos.

MOTORISTAS!

Prestai a maxima atenção às crianças que, na ignorância do perigo a que estão expostas, se divertem na via pública.

Nunca ultrapasseis outro veiculo com velocidade. Além de ser contrario ao Codigo da Estrada, podeis atropelar alguem que, inadvertidamente, venha a atravessar a rua, encoberta pelo outro veiculo!

PEÕES!

Sereis capazes de parar de chofre, quando ides a correr?

Como quereis então, que o automovel o faça?

Lembraí-vos que a embalagem do automovel é mais difficil de dominar que a vossa, por serdes mais leves...

Comarca de Espozende

**Anuncio**(1.<sup>a</sup> praça)2.<sup>a</sup> publicação

No dia 27 do corrente, pelas 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, e em virtude do ordenado nos autos de carta precatória vinda da comarca de Viana do Castelo, extraída dos autos de execução por custas e sêlos, em que é—Exequente— O Ministério Publico n'aquela comarca; e—Executado José do Cruzeiro, viuvo, da freguesia de Belinho, desta comarca, se há-de proceder á arrematação em hasta publica pelo maior lanço oferecido sobre o seu valor, dos seguintes predios pertencentes a aquele executado e sitios naquela freguesia de Belinho.

—Uma leira de mato no sitio das=Boucinhas= descrita na Conservatoria desta comarca, sob o n.º 8739, e vai á praça pela quantia de 446\$00

—Uma leira de lavradio no sitio da=Agra do Santo=descrita na Conservatoria desta comarca sob o n.º 8740, e vai á praça pela quantia de 150\$00

—Uma leira de lavradio no sitio do=Barrôco=descrita da Conservatoria d'esta comarca sob o n.º 8741, e vai á praça pela quantia de 480\$00

—Uma leira de lavradio no sitio do=Barrôco=descrita na Conservatoria desta comarca sob o N.º 8742, e vai á praça pela quantia de 634\$00

—Uma leira de mato no sitio do=Trigo Maréu=descrita na Conservatória desta comarca sob o n.º 8743, e vai á praça pela quantia de 15\$00

—Uma leira de lavradio no sitio da=Junqueira=descrita na Conservatória desta comarca, sob o n.º 8744, e vai á praça pela quantia de 370\$00

—Uma leira de lavra-

dio no sitio da=Junqueira=descrita na Conservatória desta comarca sob o n.º 8745, e vai á praça pela quantia de 470\$00

—Metade de um campo e lavradio e mato no sitio da=Cachada=descrita na Conservatoria desta comarca sob o n.º 8746, e vai á praça pela quantia de 1.800\$00

—Uma leira de lavradio no sitio da=Bouça da Morte=descrita Conservatoria desta comarca sob o n.º 8747, e vai á praça pela quantia de 1.045\$00

—Uma leira de mato no sitio do=Santinho=descrita na Conservatoria desta comarca sob o n.º 8748, e vai á praça pela quantia de 60\$00

—Uma leira de mato e pinheiros, no sitio das=Fontelas=descrita na Conservatória desta comarca sob o n.º 8749, e vai á praça pela quantia de 200\$00

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para deduzirem os seus direitos, querendo.

Espozende, 11 de Novembro de 1938.

O Juiz de Direito Jaime Ferreira da Encarnação Rebelo.

O Chefe da 2.<sup>a</sup> Secção Manuel F. da Costa Lima

Comarca de Espozende

**Anuncio**(1.<sup>a</sup> praça) (2.<sup>a</sup> publicação)

No dia 4 de Dezembro proximo, pelas 12 horas, á porta do Tribunal Judicial, em virtude do ordenado nos autos do inventario orfanológico a que neste juizo se procede por falecimento de José de Lemos, viuvo, que foi da Vila de Espozende, se ha-de proceder á arrematação do direito e acção a três dezasseis avos de uma casa terrea com quintal na Rua General Roçadas, da Vila de Espozende, que entra em praça por 900\$00

Pelo presente são cita-

dos quaesquer credores incertos e comproprietarios para assistirem, querendo á praça e deduzirem os seus direitos.

Espozende, 16 de Novembro de 1938.

Verifiquei.

O Juiz de Direito Jaime Ferreira da Encarnação Rebelo.

O Chefe da 3.<sup>a</sup> secção Frederico José da Fonseca

**Aviso aos nossos anunciantes**

Sendo a publicação deste jornal feita aos sábados de manhã de todas as semanas, torna-se necessário que toda a qualidade de anuncios dê entrada na redacção ás sextas-feiras, até ao meio-dia, para serem publicados na edição de sábado.

Ahi fica o aviso.

**Emigração**

De Janeiro a Junho do corrente ano, emigraram de Portugal 8.144 individuos, dos quais 5.570 se dirigiram para o Brasil. A sexta parte dos emigrantes foi de crianças, e uma quinta parte de mulheres.

**Um conselho dos C. T. T.**

Ao domingo e dias feriados não conseguem os C. T. T. distribuir grande numero de correspondência endereçadas a casas comerciais, em virtude de estas se encontrarem encerradas e de não terem caixas do correio instaladas nos seus escritórios ou estabelecimentos.

Este facto provoca embarços nos serviços de distribuição e afecta os interesses de todos os destinatarios—quer dos próprios comerciantes quer do público em geral—porquanto, nos dias subsequentes, têm de receber as suas correspondências com atraso, provocado pelo volume das que ficaram nos dias anteriores.

Colocando caixas do correio nos seus escritórios e estabelecimentos, os Senhores Comerciantes servem-se a si próprios e auxiliam os C. T. T. a bem servir o público.

**O alcatroamento das estradas**

O director dos Laboratórios Municipais comunicou á Academia de Medicina um trabalho sobre os estudos quimicos, completados por experiencias sobre animais, mostrando que o alcatroamento das estradas, tal como

é feito, continúa a ser um dos factores do cancro dos pulmões, cuja recrudescencia se torna assustadora, em França e no estrangeiro, desde o começo deste século. Não se sabe como se há-de viver. A poeira das estradas affectava os pulmões, ocasionando a tuberculose, o alcatroamento origina o cancro. Prêso por ter cão e prêso por não ter.

**Viação**

Quando se dê um choque entre dois carros, o presumível culpado é o conductor da viatura que, na ocasião do choque, estiver fóra da sua mão.

Há camaras de ar novas que por serem muito porosas perdem de um dia para o outro, grande parte de pressão. Semelhante defeito que se remedeia emergindo as camaras de ar 48 horas numa solução de 4 litros de agua e 100 de formol.

As propriedades adstringentes do formol fazem poros na borracha e evitam a acção oxidante do ar, assegurando assim uma maior duração á borracha.

**O Espozendense—**

Dirigido pelo snr. José da Silva Vieira, recebemos este jornal, vigoroso defensor dos interesses da laboriosa Espozende.

(Da «Alma Lusa», do Porto, ano VIII, do mês de Novembro de 1738, n.º 18.)

Em Bechualância vive um homem de nome Ramonolwana, com a bonita idade de 140 anos, sendo por isso considerado o homem mais velho do mundo. Goza boa saúde e, segundo se afirma, tem uma filha de 16 anos, contando portanto, menos 124 anos do que o pai! A este novo Matusalem apenas faltam um dente e o dedo polegar de uma das mãos, que perdeu na guerra dos «boers», da qual compartilhou como velho combatente!

Isto é que é um heroi—na idade e na saúde!

**Emolumento anual de 10\$00**

Deve ser pago, até 31 de Dezembro, nas circunscções industriais, o emolumento do ano de 1939 devido por alvaeá e boletins do Registo do Trabalho Nacional (Decreto 10.445, de 31-12-1924, art.º 5.º.)

**Joel de Magalhães****MEDICO**

Em Espozende das 9 ás 12  
e em Fão das 14 ás 15  
e meia horas